

MODERNIDADE E SOCIALISMO

ADOLFO SÁNCHEZ VÁSQUEZ

Desde os começos do decênio passado, um conceito ambíguo e escorregadio martela os nossos ouvidos: o do pós-modernismo. Com ele, alude-se a uma nova sensibilidade, novas idéias ou novos estados de ânimo, que corresponderiam a uma nova realidade social — a da pós-modernidade — que viria suceder a uma realidade já esgotada: a da modernidade. Ainda que fosse apenas por esta ligação temporal, modernidade e pós-modernidade se apresentam com certa relação, que não se encerra naquela ligação.

UM CONCEITO AMBÍGUO

Qual é a natureza dessa relação existente entre os dois termos? De exclusão ou de inclusão? De continuidade ou de ruptura? De afirmação, negação ou superação?

O prefixo não nos basta para determinar esta relação, já que apenas faz referência a uma sucessão temporal, em que uma realidade vem depois da outra. Porém, sugere-nos que a segunda realidade — a pós-moderna — não pode prescindir da primeira — a modernidade — seja para continuá-la, negá-la, radicalizá-la ou dela se separar; o *pós* da pós-modernidade, cada vez que se refere a uma nova realidade, indica a inclusão, de forma a tornar visível, da modernidade. Assim, não podemos deixar de prosseguir em nossas reflexões a respeito da idéia de modernidade, já que somente a partir dela poderemos determinar se estamos histórica, social e ideologicamente diante de uma realidade pós-moderna e até que ponto se justifica a visão pós-modernista de uma e de outra.

ALGUMAS DISTINÇÕES

Ao falar de pós-modernismo, não estamos nos referindo, como em geral se faz, dada a importância de que se reveste nas artes e na literatura, sobretudo nas suas origens, a um determinado estilo artístico; depois do descrédito ou do declínio das vanguardas do século XX. Referimo-nos, mais precisamente, a um conjunto de proposições, valores ou atitudes que, independentemente do grau de sua validade teórica, não se pode negar que existem e que funcionam ideologicamente como parte da cultura ou da situação espiritual do nosso tempo. Ainda que não existisse a realidade pós-moderna, ou ainda que esta aparecesse distorcida na visão pós-modernista, o pós-modernismo com todas as suas vacuidades e variantes é um fato. E os fatos, como dizia

Lênin, são muito teimosos. E, por ele ainda, temos que afrontá-los, abrindo caminho no emaranhado da selva conceitual de seus defensores e de seus detratores. Posto que a relação com a modernidade é incontornável, necessitamos partir dela para examinarmos as pretensões pós-modernistas que derivam de uma crítica radical. Se a pós-modernidade, da qual surge a consciência pós-moderna, se ergue sobre as ruínas da modernidade, é preciso esclarecer a natureza desta realidade, hoje em ruínas, que o pós modernismo pretende definitivamente sepultar.

Por modernidade cabe entender o processo histórico que se inicia com o ilustrado projeto burguês de emancipação humana, com a Revolução francesa que pretende conduzi-lo à prática e com a revolução industrial que irá desenvolver intensamente as forças produtivas. Este processo histórico de modernização é um processo de expansão progressiva. A sociedade moderna é uma sociedade dinâmica, em constante desenvolvimento, orientada para o futuro, uma sociedade que não conhece limites nem paralisação. A modernidade aparece caracterizada por uma série de traços positivos: 1) seu projeto de emancipação humana; 2) seu culto da razão, que impulsiona o domínio cada vez maior do homem sobre a natureza e sobre as suas próprias relações sociais, humanas e 3) o caráter progressivo do processo histórico, processo linear e ascendente, no qual o velho cede lugar ao novo e no qual, como disse Marx: “tudo que é sólido se desmancha no ar”.¹ Ser moderno é estar sempre aberto ao novo, num processo progressivo, até um fim ou uma meta superior. Componente essencial da modernidade, portanto, é a negação do passado, do velho e a proeminência do futuro, do novo.

¹ Palavras de Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, que servem de título ao livro de Marshall Berman *Tudo que é sólido se desmancha no ar. A experiência da modernidade* (Madrid, Siglo XXI, 1988). O trecho completo, citado por Berman, diz o seguinte: “Uma revolução contínua na produção, uma incessante comoção de todas as condições sociais, uma inquietude e um movimento constante distinguem a época burguesa de todas as anteriores. Todas as relações estagnadas e emboloradas, com seu cortejo de crenças e idéias veneradas durante séculos, permanecem esfarrapadas; as novas transformam-se em antiquadas, antes de ter podido se ossificar. Tudo que é sólido se desmancha no ar; tudo que é sagrado é profanado e os homens, no fim, se vêem forçados a considerar serenamente as suas condições de existência e as suas relações recíprocas.”

Adolfo Sánchez Vásquez, filósofo marxista, é professor da Universidade Autônoma do México. Tem vários livros publicados, alguns dos quais no Brasil, como: *Filosofia da Praxis e As Idéias Estéticas de Marx*. O texto “Modernidade e Socialismo” foi publicado pela *Revista da Casa de las Américas*, nº 175 (Havana, 1989), pp 137-144. Tradução de Edsel O. Britto.

A CRÍTICA DE MARX À MODERNIDADE

Esta visão afirmativa da modernidade é o que sustenta os ideólogos da *ilustração*, para os quais, como escreve Kant, a modernidade do homem é a chegada da sua maioridade. E o que permite, guia e consubstancia esta chegada é a razão. Portanto, se deixarmos de lado o sinal de alarme que, em plena *ilustração* lhe dá Rousseau ao denunciar, face ao seu abismo racionalista, as conseqüências negativas trazidas para o homem através desta progresso racional, na cultura e na civilização,² é Marx quem, de maneira mais vigorosa, relaciona os aspectos positivos e negativos da modernidade. Ao destacar a sua ambivalência, Marx não menospreza os méritos históricos da classe social que a encarna e impulsiona: a burguesia. Porém ele destaca o terrível custo humano que este progresso da razão, que se materializa no imenso desenvolvimento das forças produtivas, tem destinado ao proletariado. A elevação até alturas jamais conhecidas — graças ao desenvolvimento da ciência e da técnica — do domínio do homem sobre a natureza se traduziu num domínio maior, sob a forma de alienação; do homem sobre o homem. A modernidade abre enormes possibilidades de desenvolvimento, uma vez que seja considerada do ponto de vista humano e social. Porém, o negativo e o positivo se unem intrinsecamente, dialeticamente. A modernidade que, pela sua forma burguesa tem custo humano tão terrível, cria no seu seio as condições que tornaram possível, ao ser destruída e superada essa forma burguesa, o caminho para uma sociedade superior verdadeiramente emancipada, livre e humana.

Estamos de acordo ao considerar Marx como um modernista,³ porém, um modernista que aspira levar até as últimas conseqüências os objetivos emancipadores da modernidade, os quais, por sua vez, deixarão a descoberto os seus aspectos negativos — a exploração e a opressão dos seres humanos, determinadas justamente por suas limitações de classe. A visão marxista da modernidade é inseparável da crítica profunda de sua forma burguesa. Assim mesmo, esta crítica é indispensável para estabelecer racionalmente o projeto de emancipação comunista, que supere o limitado caráter de classe que havia pretendido a “ilustração burguesa”. Há que se reconhecer, todavia, que na sua visão e na sua crítica da modernidade, Marx não se desprende totalmente do lastro de racionalista universal, progressista, teleológico e eurocêntrico do burguês ilustrado.

AS CRÍTICAS DE NIETZSCHE, WEBER E ADORNO

Depois de Marx, no século XIX, Nietzsche e no século XX Weber e a Escola de Frankfurt, radicalizam a crítica da modernidade, tanto ao colocar em questão as suas premissas e fundamentos, como ao desnudar suas conseqüências negativas. Nietzsche ataca os conceitos de superação e pro-

A crítica da razão, do progresso e do sentido da história, que levam a cabo Nietzsche, Weber e Adorno, proporciona importantes pontos de apoio ao pensamento pós-moderno, o que irá radicalizar ainda mais as suas críticas.

gresso ascendente, sob o signo do novo. Para Nietzsche não há ascenso sem retorno. Por outro lado, os valores supremos aos quais se poderia dirigir este ascenso histórico ficam como que pulverizados. E, sem dúvida, ainda que Nietzsche dinamite o solo da razão e do progresso, e que com ele venha abaixo o projeto ilustrado da emancipação, não nega este em termos absolutos, já que confia num “homem novo” e que saberá “criar novos valores”. Por trás da denúncia implacável dos perigos da modernidade, perigos que atribui à ciência, ao racionalismo, à “morte de Deus”, Nietzsche vê este “homem novo” abrindo caminhos por entre eles com os quais o futuro prossegue em aberto.

A visão de Weber da modernidade está centrada no poder moderno da razão. Modernização se identifica, assim, com racionalização. E esta, está entendida como um processo progressivo no qual se aliena a racionalidade, de acordo com seus fins e seus valores. A moderna ordem social, produto deste processo, é uma “jaula de ferro” que determina com uma força irresistível dentro das suas grades, o destino de cada indivíduo. Trata-se da ordem econômica capitalista, na qual a produção não conhece valores, mas, eficiência; uma ordem que não admite, diferentemente do que pensa Marx, a possibilidade de transcendê-la, nem mesmo com o socialismo. A modernização, como racionalização progressiva, conduz assim a um aprisionamento inevitável e insuperável na “jaula de ferro” da sociedade moderna.

Para Adorno e Horkheimer, na sua *Dialética da Ilustração*, a modernidade se caracteriza pelo desenvolvimento da razão objetiva e sistematizante, o instrumental que se traduz num ilimitado progresso técnico e econômico. Esta razão instrumental que impulsiona tecnologicamente a dominação se converte, por sua vez, em simples instrumento de dominação das relações entre os homens. O projeto ilustrado de emancipação, que deveria ser realizado como progresso e revolução da história, se desmorona; e o que oferece em seu lugar a realidade, sobretudo na fase de sociedade avançada, é só reificação e burocratização da vida social. A emancipação é buscada por Adorno, no plano estético, na arte que prefigura uma ordem de reconciliação.

A REALIDADE SOCIAL PÓS-MODERNA

A crítica da razão, do progresso e do sentido da história, que levam a cabo Nietzsche, Weber e Adorno, proporciona importantes pontos de apoio ao pensamento pós-moderno, o que irá radicalizar ainda mais as suas críticas. A modernidade não é apenas criticada mas também negada, e as alternativas à negação, já bastante apagadas, acabam por ser apenas uma luz mortiça na obscuridade. Porém, o que

2 Do meu estudo *Rousseau no México* (Co.70, México, DF. Editorial Grijalbo, 1969), pg. 15-21.

3 Tal é a tese de Berman, na sua obra citada, desenvolvida sobretudo no capítulo 2.

é o pós-moderno que se defronta assim com a modernidade? O pós-moderno se apresenta como um traço radical do pensamento, nas condições de existência que seguem as da modernidade. Estas condições de existência em que insistem os pós-modernistas são próprias de uma sociedade informatizada, em que a multiplicação das máquinas de informação, com seus múltiplos jogos de linguagem afeta a interação social; uma sociedade na qual a questão da legitimação se localiza em novos termos: como auto-legitimação do poder e como perda da legitimação do saber, no que Lyotard chama de os grandes relatos da emancipação ou da totalidade, no sentido ilustrado ou hegeliano-marxista; uma sociedade, assim mesmo, de consumo e na qual “a revolução contínua está fisiologicamente exigida, para assegurar a pura e simples sobrevivência do sistema; a novidade é aquilo que permite que as coisas continuem da mesma maneira”, segundo escreve Vattimo.⁴ Trata-se, igualmente, de um sistema social que, como escreve Lyotard, por haver alcançado “seu máximo grau de objetividade, entram em crise as formas ideológicas que o legitimavam”, o que leva a “tomar criticamente a consciência da força destrutiva inscrita na *ratio* e na relação *ratio-domínio*”.⁵ Porém, se nos ativermos às relações de produção que estão na base deste mecanismo de exploração e de dominação dos homens e dos povos — sem os eufemismos de “sociedade de consumo ou sociedade pós-industrial”, de sociedade capitalista, capitalismo tardio ou capitalismo multinacional, que emergem depois da Segunda Guerra Mundial e que longe de romper com a lógica expansionista do capitalismo moderno, aquele que Marx descreveu e explicou, abre uma terceira fase desta expansão “seguinte às primeiras expansões do mercado nacional e do imperialismo”, expansão que não conhece obstáculos, sejam eles da natureza, do inconsciente, ou do Terceiro Mundo. Neste espaço multinacional em que os indivíduos e os povos se encontram atrelados, deve-se buscar as raízes e a necessidade do pós-modernismo, que Jameson caracteriza como a lógica cultural do capitalismo multinacional ou tardio.⁶

Contudo, para entender por que o capitalismo tardio gera toda esta lógica cultural, ou esta consciência pós-moderna desmoralizadora das consciências e como leva a cabo esta função ideológica, social e política, necessitamos fixar alguns traços relativamente estáveis, na natureza ambígua, escorregadia e heterogênea do pós-modernismo. Porém, teremos que desenhar o seu perfil, sobretudo através das suas negações.

NEGAÇÕES PÓS-MODERNISTAS

Nega, em primeiro lugar, o que constitui a medula da visão afirmativa da modernidade: o seu projeto de emancipação. Temos visto que este projeto, sujeito às críticas de Nietzsche, Marx e da Escola de Frankfurt, já não mais podia

É, pois, próprio do pensamento pós-moderno esta exaltação do presente e a negação do futuro que, na verdade, é a conciliação com um presente, o nosso; conciliação que é sempre a marca do conservadorismo.

se manter na sua forma originária, burguesa, ainda que a sua idéia de emancipação humana pudesse ser resgatada, como tentaram resgatá-la Nietzsche, Marx e Adorno. Pois bem, para o pensamento pós-moderno tal resgate é impossível; não só na forma em que o fizeram os críticos citados, como também, em qualquer alternativa que procure transcendê-la. Os projetos de emancipação, os da ilustração burguesa e do marxismo, caem dentro do que Lyotard chama de *os metarrelatos* carentes de legitimação. Sua negação pós-modernista não é feita para transcendê-la em nome de outro projeto, superando suas limitações ou buscando novos fundamentos. Este último resulta em vão, pois o pensamento pós-moderno lança de lado a categoria mesma de fundamento, com a qual se anima toda a intenção de legitimar um projeto. Certamente, existe um nexo estreito entre projeto e fundamento, já que todo projeto tem que estar fundamentado. Porém, se for rompido o nexo existente entre um e outro, todo o projeto se torna impossível, já que não haverá fundamento que o legitime. Assim proclama Franco Crespi, um dos expoentes do pensamento “débil” ou pós-moderno: “O reconhecimento da carência de fundamento do seu caráter irrevogável leva consigo a renúncia a qualquer tentativa de formular um projeto total de transformação da realidade social”.⁷ Porém, numa sociedade injusta pode-se renunciar ao projeto de transformá-la e a fundamentar este projeto? Certamente, esta fundamentação pode ser — como em tantas doutrinas salvadoras ou utópicas — ilusória. Mas, como no socialismo marxista, factível e racional. Por outro lado, se se afirma a carência absoluta de fundamentação, em que fundamentaremos a falta de fundamento? Vemos, pois, que não é tão fácil descartar o fundamento.

A negação do projeto emancipatório é, definitivamente, uma questão central, não só teórica, mas também prática e política, já que desqualifica a ação e condena à impotência ou ao “beco sem saída” da desesperança ao estabelecer, agora sim, a inutilidade de toda intenção de transformar radicalmente a sociedade do presente. Já por este motivo o pensamento moderno lança mão de outras negativas, tais como as da superação, história, sujeito, progresso, novidade, etc., aproveitando neste terreno já semeado — como demonstra Vattimo — por Nietzsche e Heidegger.⁸ A superação é concebida como uma categoria da modernidade, que nem sequer como superação crítica pode ser aceita, já que mantém a identificação do ser com o novo, carente

4 Gianni Vattimo *O fim da modernidade* (Barcelona, Gedisa, 1986), pg. 14.

5 Franco Crespi: “Ausência de fundamento e projeto social”, em: G. Vattimo e P. A. Rovatti, *O pensamento débil* (Cátedra), pg. 349.

6 Frederick Jameson “O pós-modernismo ou a lógica do capitalismo tardio”, *Revista Casa de las Américas* n° 155 (março—junho de 1986).

7 Franco Crespi, (obra citada), pg. 343.

8 Vattimo, (obra citada), pg. 9-10.

de valor, para o pós-modernismo. A história é outra, a das cabeças que rolam abaixo da guilhotina pós-modernista. Já não se trata da história sem sujeito, defendida pelo estruturalismo francês; nem tampouco da falta de sentido da história, senão, que se trata pura e simplesmente de que não há história, de que se teria chegado ao seu fim ou de que estaríamos na pós-história. Desmancha-se a história como um processo unitário, dotado de certa coerência e de racionalidade. E muda a nossa consciência de tempo, já que a tecnologia da informação tende a "deshistorizá-la", ao reduzir os acontecimentos ao plano da contemporaneidade ou da simultaneidade. O presente absorve o passado e igualmente é absorvido pelo futuro: aquilo que há de vir ou aquilo que há para esperar. Como disse Baudrillard: "O futuro já chegou" — e não há por que esperar utopia alguma.

O pensamento pós-moderno está centrado no presente, num presente que se reproduz a si mesmo e no qual o novo é ele mesmo. Já não tem cabimento falar de história como processo que desemboca num presente que há de deixar suas pegadas, sobretudo com sua transformação da sociedade, ao futuro que não chegou ainda e por cuja chegada nós lutamos. É, pois, próprio do pensamento pós-moderno esta exaltação do presente e a negação do futuro que, na verdade, é a conciliação com um presente, o nosso; conciliação que é sempre a marca do conservadorismo. Record-se o Hegel da *Filosofia do Direito*, que concilia a idéia com a realidade; o Estado que encarna a razão com o Estado prussiano do seu tempo. Para Hegel houve história — a que conduz a este presente, porém, a rigor já não há, porque o que conta é este presente e não o futuro. Para ele, como para os pós-modernos, não há necessidade de transformar esta realidade. Os que aspiram transformá-la revolucionariamente não fazem senão dar rédea solta à sua "impaciência subjetiva".

E quanto à "morte do sujeito", proclamada pelo pós-estruturalismo francês, o pós-modernismo a fez sua, enfrentando assim toda a sobrevivência romântica do gênio, ou às experiências modernas de ansiedade ou de rebelião pessoal, que Jameson ilustra exemplarmente com o "grito de Munch".⁹ Certamente a dissolução da subjetividade é real e não somente um problema ideológico ou estético. A modernização capitalista fragmentou o indivíduo com a divisão do trabalho, desfez a sua individualidade ao coisificar ou burocratizar a sua existência. Porém, no reconhecimento disto não há nada de novo: Marx havia já descrito e explicado e Kafka, em plena modernidade, nos faz ver vividamente — no *O Processo* — por exemplo, esta dissolução da subjetividade. Mas os pós-modernistas absolutizam a tese até negar, na arte, o estilo pessoal e até fechar, a pedra e barro, a porta para uma nova subjetividade. Na verdade, num mundo coisificado, burocratizado, a "morte do sujeito" é um fato real; mas somente se este mundo for colocado fora da história tornar-se-á impossível o resgate do sujeito, que não tenha porque se reduzir ao ego individualista e burguês.

9 F. Jameson, texto antes citado.

E quanto à "morte do sujeito", proclamada pelo pós-estruturalismo francês, o pós-modernismo a fez sua, enfrentando assim toda a sobrevivência romântica do gênio, ou às experiências modernas de ansiedade ou de rebelião pessoal, que Jameson ilustra exemplarmente com o "grito de Munch".

CONSCIÊNCIA DA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

Na verdade, o pós-modernismo não deixa de levar em conta as condições atuais de existência que, por não terem acontecido na modernidade, podem ser consideradas como pós-modernas. Vivemos no mundo da bomba atômica, um mundo em que o fim da história real é possível no fim da humanidade. Não faltam, pois, elementos catastróficos reais para concluir que o potencial destrutivo da modernidade progrediu até o ponto de se converter na destruição absoluta. Certamente, no próprio seio da modernidade já havia sido denunciado — de Marx a Adorno — o seu potencial destrutivo. Porém, só depois do final da Segunda Guerra Mundial é que ficamos sabendo que este potencial alcança uma dimensão absoluta, ao ameaçar a própria sobrevivência da humanidade. Neste sentido, é legítimo falar de condição pós-moderna da existência, justamente o quanto esta se encontra sob a ameaça de um holocausto nuclear, às quais se juntam, como ameaças também reais, uma catástrofe ecológica e uma não-descartável tragédia genética.

A consciência desta condição pós-moderna é necessária como contribuição para que a "autodestruição da humanidade" não se torne uma realidade. Porém, para o pensamento pós-moderno trata-se de uma "agonia da realidade" — expressão de Baudrillard — que viria justificar as suas negações da história, do progresso e, sobretudo, da espera de um acontecimento que modifique a história.

FASCINAÇÃO, "MORAL DA MORTE" E LIBERTAÇÃO

Uma tendência da consciência pós-moderna é — como destaca Klaus R. Scherpe — "a dramatização do fim".¹⁰ Ao se confrontar com uma possível catástrofe nuclear o terror cede à ansiedade, à atração ou à fascinação de experimentar o fim como se coloca explicitamente, sobretudo na versão alemã do pós-modernismo.

O abismo — a catástrofe nuclear — que desperta a fascinação não é um acontecimento totalmente destrutivo ou negativo para o homem, uma vez que nele o homem se purifica

10 Klaus R. Scherpe, "Dramatização e Desdramatização do Fim: a consciência apocalíptica da modernidade e a pós-modernidade", em *Modernidade e Pós-Modernidade*, compilação de Josep Picó (Madrid Aliança Editorial, 1988).

ou se autentica. como disse Scherpe, interpretando a filosofia pós-modernista de Ulrich Horstman, “a fascinação recai no autodescobrimento, no momento da aniquilação”.¹¹ Estamos, pois, diante de uma fascinação, êxtase, “revolta” ou “de uma moral da morte”, expressões novas, pós-modernistas que recordam a não tão humana do “ser para a morte”, de Heidegger, como vida humana autêntica. Nem resistência, nem negação, senão experiência da autenticidade do homem, justamente no momento da sua aniquilação. Compreende-se, à luz destas idéias, que dois pensadores franceses que giram em órbita pós-moderna, como Baudrillard e Glucksman, batalhem por elevar o nível de armamento nuclear. Por que não, se com ele se apressa o fim, quer dizer, o acontecimento que irá permitir o autodescobrimento e a auto-realização da humanidade? Por outro lado, a fascinação diante do abismo, ao eliminar o protesto e a resistência, ao dramatizar o fim e ao se comprazer nele; dá a esta consciência da catástrofe como espetáculo uma dimensão estética, ainda que não por ela, menos política.

Vemos, pois, onde desemboca o absolutismo da crítica pós-modernista do potencial destrutivo da modernidade; em uma reconciliação com a realidade, quando esta adota a condição pós-moderna da ameaça de uma autodestruição da humanidade. Uma reconciliação que compreende, com a “moral da morte”, uma libertação que até aqui era negada. Vattimo não está fora do rumo quando considera Heidegger um “filósofo da pós-modernidade”.¹² Teríamos então que: somente com a negação absoluta, que representa um holocausto nuclear, o pensamento pós-moderno encontra o que tem negado à modernidade — a libertação, a autenticidade ou a reaproximação da existência humana.

AS ALTERNATIVAS PÓS-MODERNAS

Pois bem, se desta última afirmação apocalíptica do autenticamente humano passamos às alternativas que o pós-modernismo oferece a suas negações, antes consideradas da história, do sujeito e da razão, veremos que só oferece débeis alternativas. Isto corresponderia a um pensamento que tem caracterizado a si mesmo, com a modéstia que oculta a soberbia, como um pensamento “débil”. Face à negação moderna do passado, à ênfase da novidade e à abertura para o futuro, o pós-modernismo sem a nostalgia do passado e ao olhar para trás, reivindica a autoridade e a tradição. Daí que Habermas só veja nele uma posição neoconservadora. Desde o momento em que o pós-modernismo repudia o novo como valor, o que valoriza é o passado, absorvido por um presente que, ao se reproduzir a si mesmo, fecha a porta para o futuro. Daí que rejeita a inovação que, no plano social, representa a revolução ou a inovação que, numa sucessão de ismos, buscam no plano estético as vanguardas do século XX. Concordante com esta nostalgia do passado é a exploração pós-modernista das tradições com um critério eclético. O ecletismo, tão desprestigiado na mo-

O pós-modernismo se apresenta, pois, como a antítese da modernidade e, portanto, como a negação da razão em que se sustenta e da história em que pretende se realizar.

deridade e tão alheio às vanguardas artísticas, é assumido positivamente pelo pós-modernismo. Posto que não haja história ou sentido de história, justifica o ecletismo perante suas normas, paradigmas ou estilos. Num arranha-céu podem coexistir uma seção média clássica, uma colunata romana e um frontespício estilo Chippendale.¹³

Outro traço afirmativo pós-modernista seria a reivindicação do fragmentário frente às narrações totalizantes modernas, criticadas por Lyotard. Na arte, como diz Simon Marchán Fiz, “a fragmentação tem a ver com o abandono dos quadros permanentes das hierarquias, do estilo ou das tendências homogêneas”.¹⁴

Também, frente às legitimações das narrativas totalizantes é feito “pé firme” no caráter local ou regional delas. Finalmente, como um corolário da sua negação de todo projeto de emancipação e, dado que o projeto desde as suas origens ilustradas e com maior razão no projeto comunista de Marx tem uma dimensão política, o pós-modernismo desloca a atenção da ação para a contemplação, do político para o estético. Porém, do estético liberado da tendência moderna, que cristalizou na vanguarda originária — futurismo, “proletkult”, produtivismo, etc. — a conjugar inovação artística e inovação social, arte e revolução, o que introduzia a emancipação nas entranhas mesmas da arte. Inovar, criar era para a vanguarda, antes de ser domesticada pelo mercado, um ato de emancipação. Pois bem, o pós-modernismo libera ao artista a responsabilidade que assume na modernidade, já que a própria emancipação carece de fundamento e de sentido.

O pós-modernismo se apresenta, pois, como a antítese da modernidade e, portanto, como a negação da razão em que se sustenta e da história em que pretende se realizar. Pois bem, será possível salvá-la dessas negações? Já vimos que as críticas que são feitas à modernidade, a partir do seio dela mesma, partem da sua ambivalência: libertadora e destruidora. Porém, certamente já não estamos na modernidade que havia sido objeto destas críticas. a absolutização do seu potencial destrutivo com o armamento nuclear, a elevação do processo de alienação, reificação e burocratização, que alcançam dimensões desconhecidas na modernidade; a extensão da racionalidade instrumental, tecnológica que confina com a irracionalidade: tudo nos estimula para reconhecer algumas condições atuais de existência, aquelas

11 K.S.Scherpe, (obra citada).

12 Em *O fim da Modernidade*, (obra citada).

13 Andreas Huyssen cita este exemplo referindo-se ao arranha-céu AT & T, de Philip Johnson, no seu ensaio “Cartografia do Pós-Modernismo” incluído em *Modernidade e pós-modernidade*, (edição citada), pg. 197.

14 Simon Marchán *Da arte objetiva à arte do conceito. Epílogo sobre a sensibilidade pós-moderna*, (3ª edição, Madrid, Edições Akal, 1988), pg.335.

próprias do capitalismo tardio ou multinacional que, por ser irreduzível às da modernidade, as do capitalismo moderno, clássico, podemos denominar — sem que o termo nos cause inibição, pois não se trata de palavras — condições “pós-modernas”. A estas condições responderia o pós-modernismo ao oferecer uma visão da realidade pós-moderna, que cumpre a função ideológica de contribuir para condenar os homens à inação, à impotência ou à passividade.

RESGATE DA MODERNIDADE

Nesta situação, a resposta às críticas da modernidade não pode consistir do resgate do seu lado afirmativo, como pretende Habermas, dando um novo estatuto — comunicativo — à racionalidade.¹⁵ O projeto inacabado de emancipação só pode ser realizado com a superação das limitações burguesas, capitalistas que, depois de Marx, longe de haver caducado, não têm feito senão se acentuar. Este projeto, por sua vez, só pode ser realizado se levar em conta as formas que essas limitações adotam nas condições pós-modernas, quer dizer, aquelas próprias do capitalismo tardio. Condições, por sua vez, que não excluem na época deste capitalismo multinacional, os países pré-modernos ou submodernizados — ou subdesenvolvidos no sentido capitalista. E entre estas condições pós-modernas, que devem ser levadas em consideração, estão não só as formas que adotam, à diferença do passado capitalista moderno, as relações de exploração dos homens e dos povos, mas, também o papel dos novos agentes históricos que não podem ser menosprezados, como o fez Marx na modernidade, ao proletariado; da mesma forma está o papel dos meios de comunicação, na formação ou na deformação da consciência das grandes massas e também estão as experiências históricas das sociedades que, pretendendo superar a modernidade burguesa, converteram o projeto socialista de emancipação no que se conhece como “socialismo real”.¹⁶

15 Conforme as críticas de Habermas ao pós-modernismo, no seu ensaio publicado originalmente em 1981, “Modernidade versus Pós-Modernidade”, incluído em *Modernidade e pós-modernidade* (edição citada), pg. 87-102.

16 Da relação entre projeto socialista de emancipação e “socialismo real”, ocupei-me em meus ensaios “Ideal socialista e socialismo real”, *Nexos*, nº 44 (México, DF, Oceano, 1985); “Reexame da idéia de socialismo”, exposição feita na mesa redonda 85, da *Tribuna Internacional* (Cavtat, Yugoslávia), incluída no livro citado *Do outubro russo à perestroika* (Memória, Boletim do CEMOS, nº 17, novembro—dezembro, 1987).

O projeto inacabado de emancipação só pode ser realizado com a superação das limitações burguesas, capitalistas que, depois de Marx, longe de haver caducado, não têm feito senão se acentuar.

A EMANCIPAÇÃO NAS CONDIÇÕES PÓS-MODERNAS

Desta forma, a resposta do pós-modernismo que proclama que todo projeto de emancipação — e não somente o da modernidade — é uma causa perdida; que a intenção de justificá-lo racionalmente carece de fundamento e que a razão que impulsiona a revolução técnica e científica é inexoravelmente um instrumento de dominação e de destruição; nossa resposta é que não podemos renunciar a um projeto de emancipação, justamente porque tem seu fundamento e sua razão de ser, nas atuais condições de existência que o tornam possível e que tornam possível, necessária e desejável a sua realização. Porém, este projeto não pode ser, por si só, um projeto que conserve a sua forma burguesa ou que procure superá-la, prendendo-se a uma realidade que já ficou para trás e que foi superada nas condições que denominamos pós-modernas.

Contribuir para estabelecer, esclarecer e conduzir a realização deste projeto de emancipação que, nas condições pós-modernas, prossegue sendo o socialismo¹⁷ — um socialismo, se se quiser, pós-moderno — só pode ser feito na medida em que a teoria da realidade que se haverá de transformar e das possibilidades e meios para transformá-las, esteja atenta aos latidos desta realidade e se liberte das concepções teleológicas, progressistas, produtivistas e eurocentristas da modernidade que chegaram, inclusive, a impregnar o pensamento de Marx e que se prolongou no nosso tempo. E que significa, por sua vez, que não há porque guardar em saco rasgado as críticas da modernidade depois de Marx, nem o que a crítica do pós-modernismo contribuiu — sem se propor a isto — para esta emancipação.

17 Sobre a urgência do projeto socialista de emancipação, junto aos textos mencionados ver meu ensaio “Marxismo e Socialismo, hoje”. *Nexos* nº 126, (México, DF, junho de 1988).